

MATTOS, Sérgio. Emile McAnany: Tecnologia, comunicação e desenvolvimento sustentável. In MARQUES DE MELO, José; MORAIS, Osvando J. de (Orgs). *Vozes da democratização e cidadania: a polêmica global-local*. São Paulo: Intercom, 2011, pp. 507-519. (Livro com 534 páginas, Coleção memória, v. 4 - ISBN 978-85-88537-82-8).

Emile McAnany: Tecnologia, comunicação e Desenvolvimento sustentável

Sérgio Mattos¹

Emile G. McAnany, que integra o grupo de brasilianistas norte-americanos, começou a ter interesse pelo Brasil e pelos estudos da Comunicação há 43 anos, em 1967, quando ainda era estudante de graduação na Universidade de Stanford. Ele estava matriculado em uma disciplina, então considerada pioneira, que tinha como objetivo de estudo o uso de satélite na Comunicação e na Educação. Emile McAnany era um dos poucos estudantes matriculados na disciplina que não era engenheiro, mas se engajou no processo de desenvolver um projeto Educacional na Televisão usando uma nova tecnologia, o satélite, para ser implementado nas áreas rurais do Brasil, Índia e Indonésia.

Inicialmente, o Brasil não era o objetivo específico da disciplina, mas a presença de três estudantes brasileiros de pós-graduação acabou influenciando na condução do curso. Vale destacar que a conexão do Brasil com a Universidade de Stanford já tinha antecedentes, pois o primeiro engenheiro brasileiro a obter Doutorado em Stanford, no ano de 1964, foi Fernando Mendonça, que se especializou em satélites. E os três estudantes brasileiros que estavam na turma de Emile McAnany, eram estudantes/orientandos de Fernando Mendonça, no Brasil, mais precisamente em São José dos Campos onde ele desenvolvia pesquisas relacionadas ao uso de satélites e sua aplicabilidade em programas educacionais.

¹ Texto da entrevista concedida a Sérgio Mattos, originalmente publicada na *Intercom -Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.33, p. 299-308, nº .1, jan./jun. 2010.

Em 1965, Emile McAnany começou o seu programa de Doutorado na Universidade de Stanford, manifestando interesse em entender como as tecnologias de Comunicação de massa poderiam ajudar nas mudanças sociais e na promoção do desenvolvimento *auto-sustentável*, principalmente nos países em desenvolvimento. Ele foi aluno de Wilbur Schamm, então diretor do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Stanford e trabalhou, posteriormente, com ele e com Everet Rogers em várias pesquisas de interesse comum, envolvendo, principalmente a América Latina. Na entrevista, abaixo, Emile McAnany, atualmente, atuando como professor no Departamento de Comunicação da Universidade de Santa Clara, Califórnia, Estados Unidos, fala de seu interesse e pesquisas sobre o Brasil e a América Latina como um todo.

Revista Intercom – *Nos últimos anos o senhor tem trabalhado na área de Comunicação com temas relacionados com a América Latina. Qual é a sua preocupação com a pesquisa em países da América Latina?*

Emile McAnany – No período entre 1992 e 2002, trabalhei com os colegas da Universidade do Texas, em Austin, e de várias grandes universidades no Brasil em um estudo sobre o impacto social das novelas brasileiras sobre as audiências. Este foi um projeto que teve a colaboração e participação de demógrafos, pesquisadores de Comunicação, sociólogos, antropólogos em estudos quantitativos e qualitativos sobre o tema. Foram produzidos, como resultado, uma série de documentos de conferências, capítulos, artigos e livros publicados em Inglês e Português. A pesquisa foi financiada por grandes fundações dos Estados Unidos. Particularmente, meu principal campo de estudos é a Comunicação internacional, com ênfase na mudança social. Tenho também estudado as indústrias culturais na América Latina, e a questão das exportações e importações de produtos da mídia. Meu trabalho, na América Latina, começou em 1968 quando eu era um pesquisador de campo em um grande projeto de televisão educativa em El Salvador. Na época, realizei uma série de estudos de campo no Brasil, México e Guatemala, entre outros, sobre o impacto do rádio e da televisão na educação e nas áreas culturais.

Revista Intercom – O senhor tem trabalhado na área de Comunicação internacional, realizando várias pesquisas. Poderia citar algumas dessas pesquisas relacionadas com o Brasil?

Emile McAnany – Em minhas pesquisas de campo, o primeiro grande estudo que fiz, com sucesso, foi o projeto da Televisão Educativa em El Salvador, no período de 1968-1970. Essa foi a primeira parte de um estudo de cinco anos que foi publicado como livro em 1976. Mais tarde, em 1971-1973, trabalhei em um amplo projeto de campo, no México, com o objetivo de avaliar a *Telesecundaria* mexicana. Um ano após a realização de nossa pesquisa o projeto *Telesecundaria* se tornou um sucesso educativo por meio da mídia. O projeto ainda hoje, está sendo transmitido e atinge mais de um milhão de estudantes no México, na América Central e, até mesmo, nos Estados Unidos. Na Universidade de Stanford, como estudante de graduação, em 1967, trabalhei também em um plano para usar satélites na educação. Mais tarde, esse projeto foi adaptado pelo INPE, órgão brasileiro de planejamento de uso de satélites, em São José dos Campos. Eu ajudei a avaliar o projeto brasileiro de educação, via satélite, em 1978. Posteriormente, fui pesquisar sobre a adoção de um satélite nacional para o Brasil durante o ano de 1980. Trabalhei, também, por vários anos, estudando o impacto das telenovelas sobre a demografia e as mudanças sociais, durante o período de 1994-1998. Essa pesquisa foi realizada juntamente com pesquisadores da Universidade do Texas, em Austin, e de várias universidades brasileiras. Participei de vários outros projetos, mas estes foram os principais, nos quais estive envolvido em nível internacional.

Revista Intercom – Qual foi a estrutura teórica que serviu de apoio aos seus projetos sobre desenvolvimento na América Latina?

Emile McAnany – Originalmente, fui educado como um estudante de graduação na Universidade de Stanford voltado para a temática da Modernização e da Difusão. Quando comecei a trabalhar na América Latina, em 1968, fui atraído para a teoria crítica / teoria da Dependência e a teoria da Economia Política. Segui essa tradição por um número de anos sem perder alguns dos aspectos da teoria da Difusão. Então, mudei minha atenção para as indústrias culturais na América Latina, e em outros locais, adicionando uma perspectiva cultural, baseada principalmente em estudos realizados por Stuart Hall e colegas, na Birmingham, no final da década de 1970 e início dos anos

1980. Finalmente, acabei usando um pouco de todas estas teorias nos trabalhos que eu desenvolvi, em parceria com colegas brasileiros, sobre o impacto social e cultural das Telenovelas na década de 1990.

Revista Intercom – *O senhor tem produzido algumas pesquisas na América Latina e no Brasil juntamente com pesquisadores nativos. Como o senhor fez a seleção dos pesquisadores locais que participaram dessas pesquisas?*

Emile McAnany – Como domino bem o espanhol, tive a chance de fazer uma viagem a América Latina em 1968, onde conheci muitas pessoas que trabalhavam na área da Comunicação. Depois de haver trabalhado na América Central, México e Brasil, encontrei pessoas diferentes, em cada país onde eu trabalhava, que passaram a ser colegas em minhas pesquisas. A seleção de pesquisadores tem sido um processo natural, tendo em vista que mantenho contato com vários pesquisadores da América Latina e, através da leitura de suas pesquisas, publicadas em revistas e livros, além da participação deles em conferências, pude identificar interesses comuns.

Revista Intercom – *Quando o senhor se sentiu atraído pela América Latina?*

Emile McAnany – Meu primeiro contato com a América Latina aconteceu quando eu concluí o segundo grau (*high school*) e fui passar as férias de verão no México, onde minha irmã estava trabalhando. Foi no México, durante as férias que comecei a aprender espanhol. Mais tarde, renovei o meu interesse pelo espanhol e realizei a minha primeira viagem pela América Latina em 1968. Então, comecei a ler a literatura latino-americana em Comunicação e a dialogar com acadêmicos latino-americanos. Como já disse, fui atraído pela Teoria da Dependência dos Economistas, bem como pelas idéias de Mattelart e outros, quando estava começando a se definir a Teoria da Economia Política, da Cultura e da Comunicação.

Revista Intercom – *Ao trabalhar com temas da América Latina, quais foram os principais desafios encontrados? Há alguma diferença na maneira de conduzir uma pesquisa de Comunicação nos Estados Unidos e em países latino-americanos?*

Emile McAnany – Vindo de uma perspectiva mais tradicional e quantitativa aplicada à pesquisa da Comunicação, constatei que as perspectivas crítica, histórica e qualitativa usadas na América Latina eram interessantes, mas nem sempre satisfatórias. Acho que as duas abordagens, a norte-americana e a latino-americana, são apropriadas para diferentes questões e que podem fornecer respostas em diferentes circunstâncias.

Revista Intercom – *Quais foram as principais contribuições de Wilbur Schramm e de Everett Rogers no âmbito dos estudos sobre o desenvolvimento nacional? Essas perspectivas são ainda utilizadas? O que mudou?*

Emile McAnany – Rogers contribuiu com seu modelo de Difusão de Inovações que foi primeiro aplicado junto a fazendeiros brasileiros e em muitos outros lugares sem obter bons resultados devido a inúmeros preconceitos e ao viés na abordagem. Alguns de seus trabalhos foram usados, depois, para o desenvolvimento do *marketing*, mas que não estavam relacionados, diretamente, com o desenvolvimento nacional. Schramm contribuiu e muito para popularizar a ideia de usar a Comunicação de massa para promover o desenvolvimento nacional e conseguiu que muitos governos começassem a pensar nesse sentido.

Revista Intercom – *Como foi seu envolvimento com Wilbur Schramm e Everett Rogers? Que tipo de influência eles exerceram em suas pesquisas?*

Emile McAnany – Eu fui um dos últimos estudantes de doutorado de Schramm, na Universidade de Stanford, e trabalhei com ele no Projeto de Televisão Educativa de El Salvador. Ele foi forçado a se aposentar de Stanford com a idade de 65 anos; e, em 1973, foi trabalhar no Havaí, mas continuei em contato com ele até sua morte em 1987. Everett Rogers chegou a Stanford, em 1974, para ocupar a vaga que havia sido de Schramm e eu fui seu colega até 1978, quando me transferi para a Universidade do Texas, em Austin. Schramm me iniciou nas pesquisas para a educação e me ensinou sobre Modernização e Difusão durante meus anos de graduação. Rogers não exerceu muita influência em minhas pesquisas como, também, eu não fiz nenhum projeto com ele, quando éramos colegas na Universidade de Stanford. Mesmo depois que deixei Stanford, continuei mantendo contato com Rogers, principalmente, quando nos encontrávamos nos congressos, até sua morte em 2005.

Revista Intercom – *Quais das suas pesquisas, realizadas, na América Latina e/ou, especificamente, no Brasil, o senhor considera como mais produtiva?*

Emile McAnany – A pesquisa mais emocionante que fiz foi o trabalho sobre o impacto social e cultural da telenovela brasileira na década de 90. Nunca, porém, conseguimos publicar um livro com os resultados dessa pesquisa coletiva com cerca de uma dúzia de profissionais do Brasil e dos Estados Unidos. Descobrimos que a telenovela exercia uma forte influência nos públicos estudados: uma favela em São Paulo, uma cidade de porte médio em Minas Gerais, e numa pequena cidade do nordeste. Foi um projeto de pesquisa abrangente e tínhamos dados de diferentes fontes, mas nunca fomos capazes de fazer com que todos contribuíssem com a produção de papers, com o objetivo de publicarmos um livro, porque o trabalho se arrastou por muito tempo e todos ficaram ocupados com outras coisas.

Revista Intercom – *Que tipo de relação você teve com o ILET (Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales) e com quais pesquisadores latino-americanos?*

Emile McAnany – Conheci bem o ILET e conhecia também um grande número de pessoas de lá, inclusive Noreene Janus (uma ex-aluna de graduação) e Rafael Roncagliolo. Convidei alguns pesquisadores latino-americanos para uma conferência que promovi na Universidade do Texas, em Austin, em 1982, dentre os quais Roncagliolo, Hector Schmucler, Herbert Schiller, Carlos Eduardo Lins da Silva entre outros. Aquela foi uma oportunidade de ouvir pesquisadores latino-americanos, reunindo posteriormente suas apresentações num livro.

Revista Intercom – *A partir de 1960, muitos brasileiros foram estudar em programas de mestrado e doutorado dos Estados Unidos. Você acredita que isso foi importante para o desenvolvimento da qualidade das pesquisas que temos hoje no Brasil?*

Emile McAnany – Penso que muitos dos primeiros pesquisadores latino-americanos da área de Comunicação foram treinados nos Estados Unidos, incluindo-se aqui Luis Ramiro Beltran, Juan Dias Bordenave, Sérgio Mattos, José Marques de Melo (pós-doc em Wisconsin) e outros. Mas, acho que depois de certo tempo, surgiram muitos e

excelentes programas de pós-graduação no Brasil e no resto da América Latina, de modo que não houve mais necessidade deles virem para os Estados Unidos ou irem para a Europa, a fim de serem treinados. Grande parte da influência americana na área estava ligada ao paradigma da Modernização e Difusão, mas essa influência não durou muito.

Revista Intercom – Como a pesquisa de Comunicação produzida no Brasil é considerada nos Estados Unidos?

Emile McAnany – A Economia do Brasil é grande e continua crescendo com boas universidades e programas de Comunicação. O problema para todos os países que não falam Inglês é a posição dominante, do imperialismo da língua inglesa, com relação às publicações em outras línguas até mesmo na Internet. Nós, nos Estados Unidos, e o Reino Unido, estamos isolados por esse viés, e como constituímos um grupo que não lê o suficiente em outras línguas, torna-se difícil manter publicações em outra língua que não seja o inglês. Mesmo na Europa, onde muitas outras línguas são faladas, há uma tendência em favor do Inglês, usado para divulgar as pesquisas de Comunicação. Eu, pessoalmente, tento me manter em dia com todas as partes do mundo, principalmente com a América Latina. Mas a quantidade de pesquisas publicadas está crescendo tanto, e a pesquisa na Internet é tão sofisticada, que é difícil manter-se bem informado devido ao excesso de informações. Diante desse quadro, eu também não acredito que haja uma forte sensibilização e conhecimento sobre a pesquisa brasileira nos Estados Unidos, com exceção de alguns locais especializados como a Universidade do Texas, com o seu Instituto de Estudos Latino Americano e poucos outros locais. Isso é uma lastima!

Revista Intercom – Como o senhor vê a situação atual e todos os desafios para a pesquisa na área de desenvolvimento e mudança social? O que mudou?

Emile McAnany – Eu não tenho me mantido atualizado com a pesquisa da Comunicação para o desenvolvimento e mudança social na América Latina nos últimos anos, mas minha impressão é que tem havido uma diminuição do interesse, nesse campo, e mesmo na área de estudos críticos e culturais. Mas isto pode mudar. O Brasil é o local favorito do programa de Fellows Ashoka (Ashoka.org) o qual tem concedido apoio para idéias inovadoras de programas destinados a promover mudança social e a

melhorar a vida das pessoas necessitadas. Um dos primeiros apoios neste sentido foi concedido no Brasil, para um projeto de energia alternativa em torno de 1985 e, desde então, o projeto tem crescido em importância e a ideia tem sido exportada para outros países. Eu não consigo lembrar o nome do projeto, agora, mas tem outros projetos similares, no Brasil, não relacionados diretamente com Comunicação, mas que poderiam usar a tecnologia da Comunicação para ajudar na realização de alguns objetivos sociais. Existe um novo paradigma começando a conduzir uma mudança social e projetos de desenvolvimento como um todo (no Brasil, Índia, África, etc.), que é chamado de empreendedorismo social, o qual adota algumas das abordagens de empresas com propósitos sociais e promove inovações nos serviços sociais. Muhammad Yunus que começou o Grameen Bank, em Bangladesh, que agora serve a sete milhões de pessoas pobres, é o melhor exemplo de empresário social, mas existem muitos outros. Eu acho que esta abordagem será muito importante na próxima década, para a resolução dos problemas sociais, usando a tecnologia da Comunicação para ajudar a fazer o trabalho.

Revista Intercom – *O senhor acredita que é necessário construir um novo modelo de análise para entender o papel da televisão na era da interatividade e da convergência dos meios?*

Emile McAnany – A televisão como meio mudou, radicalmente, na distribuição e alcance, mas o meio televisão continua a ser o veículo mais utilizado, no mundo, e sua influência está, cada dia mais, atingindo a maioria dos povos do mundo. A televisão vai ser o veículo universal dentro de muito pouco tempo e, exatamente, por isso, é de vital importância compreender e estudar a sua influência. O Brasil foi uma das primeiras sociedades a ter televisão, no mundo, e deve estar na vanguarda para estudar e entender as influências do meio. Para o nosso campo das comunicações, é importante, também, entender as mudanças dos canais de distribuições dos conteúdos televisivos (via satélite, cabo, Internet, etc.).

Revista Intercom – *Para concluir: como o senhor vê a evolução da mídia brasileira? Como o senhor vê o papel das instituições latino-americanas, tais como a INTERCOM, Alaic, Ciespal e outras?*

Emile McAnany – Existem duas evoluções: a própria evolução dos meios de Comunicação, que cresceram, a partir dos satélites para a Internet e, agora, atingem a maioria das pessoas, mesmo nas áreas rurais. A segunda, é a evolução do campo de estudos da Comunicação nas Universidades. Ambos evoluíram de maneira impressionante e mostram que o Brasil está na linha de frente. As organizações internacionais de Comunicação têm sido fundamentais para o avanço dos estudos de Comunicação em toda a América Latina e no resto do mundo. O Brasil é uma das nações que tem sido especialmente ansiosa no sentido de criar uma carreira profissional internacional em ambos, nos meios de Comunicação e nos estudos da mídia. José Marques de Melo é, provavelmente, o melhor exemplo dessa virada política para o exterior.

Quem é Emile G. McAnany

Emile Guignon McAnany é filho de Patrica D McAnany e de Julia McAnany. Ele nasceu em primeiro de março de 1930, na cidade de Kansas, Estados Unidos. Seu pai tinha 46 anos e sua mãe 37. De acordo com os dados registrados pelo Censo dos Estados Unidos, realizado em 1940, quando já estava com a idade de 10 anos, ele morava em Shawnee, Kansas, com os pais e seus quatro irmãos: Richard S McAnany, John C McAnany, Patrick D McAnany e Julia E McAnany.

Emile G. McAnany foi um jesuíta até o ano de 1970 quando deixou a Ordem dos Jesuítas. Atualmente, é professor aposentado dono Departamento de Comunicação da Universidade de Santa Clara, na Califórnia, Estados Unidos, desde 1997, onde foi chefe do Departamento no período de 1997 a 2008. Na Universidade do Texas, em Austin, onde atuou por 16 anos, durante o período de 1979 a 1996, ele foi professor do Departamento de Rádio-Televisão e Filme (RTV) e membro do Instituto de Estudos Latino-Americanos (ILAS). Antes de ir para a Universidade do Texas, além de ter concluído o seu doutorado em 1971, ele exerceu as funções de pesquisador e professor assistente durante 13 anos, de 1965 a 1978. McAnany **é o autor /editor de mais de uma dezena de livros** e de várias monografias, artigos acadêmicos, capítulos de livros e relatórios de pesquisa.

Ele já trabalhou em países latino-americanos, dentre os quais Brasil, México, El Salvador, Guatemala, e na Costa do Marfim, na África Ocidental, além de atuar como consultor na área da Comunicação em muitos outros países. Enquanto na Universidade de Stanford, seu trabalho de pesquisa estava centrado no tema da Comunicação para o desenvolvimento e mudança social. Mais tarde, na Universidade do Texas, além de continuar trabalhando com desenvolvimento e mudança social, ele passou a concentrar seu interesse em estudos críticos de Comunicação, na indústria cultural e no papel desempenhado pelas telenovelas nas mudanças sociais e demográficas.

Professor Emérito e Pesquisador Sênior

Na Universidade do Texas, Emile McAnany concentrou suas pesquisas nos impactos sociais e culturais de várias tecnologias de comunicação nos países do Terceiro Mundo,

especialmente na América Latina. As publicações que fez durante o período em que esteve no Texas incluem *Mídia de Massa e Comércio Livre: NAFTA e as Indústrias Culturais* (University of Texas Press, 1996) e uma série de artigos em periódicos de comunicação nos Estados Unidos e na América Latina.

A partir de 1995, ele se envolveu mais diretamente com colegas, em Austin e no Brasil, em um projeto de pesquisa multianual sobre o impacto social da televisão sobre as transições de fertilidade, mas sem abandonar o trabalho sobre a expansão das indústrias culturais internacionalmente e conseqüências culturais para o público global. A maioria de seus trabalhos foram resultados de sua longa parceria com estudiosos da Comunicação latino-americanos e de seu interesse pessoal pela América Latina como um todo

Nos últimos anos, após a aposentadoria em 2013, quando recebeu o título de Professor emérito, ele passou a trabalhar como Pesquisador Sênior no Centro da Ciência Tecnologia e Sociedade, da Universidade de Santa Clara, na Califórnia. Ali, até o ano de 2016, ele desempenhou o papel de consultor/conselheiro, orientando sobre os resultados de benefícios sociais nas empresas sociais com as quais o Centro trabalhava. Também orientou bolsistas de benefícios sociais, cerca de 15 estudantes que trabalhavam ou estagiavam, com bolsas, em empresas sociais nos países em desenvolvimento.

Emile G. McAnanay dedicou muitos anos de sua vida a trabalhos de pesquisas na América Latina, desenvolvendo projetos de Tecnologia de Comunicação de 1968-1997. Trabalhou também na África Ocidental em projetos semelhantes no período de 1974-1978. Nos últimos anos de ativa participação acadêmica ele passou a colaborar com o Centro de Ciência Tecnologia e Sociedade na Universidade de Santa Clara, onde trabalhou como professor e pesquisador no período de 2000 a 2016, quando se aposentou.